

Relações.com: antigas e novas instituições no processo da constituição identitária dos jovens contemporâneos

Cirlene Cristina de Sousa
Universidade Federal de Minas Gerais¹

Resumo

Viver é uma atividade humana que se processa sempre em mútua afetação entre a sociedade e os seus indivíduos. Nestas afetações vão se encaixando especificidades de lugares, de tempos e de produções materiais e simbólicas. Tal processo é também constituidor de relações aproximativas e/ou distanciadas entre antigas e novas instituições e os indivíduos. Neste artigo, buscamos compreender como se processam as intersecções entre as interações juvenis – conformadas na ambiência de uma nova instituição social, a mídia – e as instituições tradicionais como família e escola. Para tanto, analisamos o *site* de rede social *Facebook* de duas jovens brasileiras estudantes do Ensino Médio.

Palavras-chave: *Instituições, Mídia, Redes Sociais. Jovens-alunas.*

Introdução

No contexto contemporâneo, por meio de aproximações e/ou distanciamentos, inscrevem-se nas interações sociais novas formas de relacionamentos e de convivências entre os jovens e as instituições como a família, a escola. Estas novas formas colocam em debate os modos de educar e de aprender, as normas e valores norteadores das relações, as autoridades, os papéis e as regras. Donde nossa questão investigativa: quais espaços educativos essas tradicionais instituições ganham nas interações midiáticas dos jovens? Para responder a tal questão é preciso compreender o processo de afetação midiática no que tange à constituição da experiência juvenil, como expomos a seguir.

1. Mídia e experiência humana

Hoje, os modos de existir humano têm um vínculo direto com os novos processos de mediação da contemporaneidade. Para Silverstone (2002), a mídia atravessa de tal modo a nossa realidade cotidiana, que se torna impossível escapar à sua presença. A mídia nos

¹ Esta pesquisa é financiada pela *Coordenação de Pessoal de nível Superior* (CAPES).

oferece temas, valores, normas, culturas e informações que farão parte da nossa “conversação social”. Neste sentido, a mídia tem se tornado uma presença cada vez mais significativa na vida dos indivíduos e das instituições sociais hodiernas.

Para Melucci (2004), essa realidade contemporânea se alicerça intensamente no informacional – e no virtual, acrescentamos – modificando de forma marcante a constituição da experiência humana, sobretudo no âmbito das relações e sentidos – como dito acima. De forma mais precisa, nossos modos de experienciar a realidade e mesmo de nos perceber como indivíduos modificam-se em suas “dimensões cognitivas, perceptivas e emocionais: a representação do espaço e do tempo, a relação entre a possibilidade e a realidade e entre os vínculos naturais e sua elaboração simbólica” (Melucci, 2004, p. 14). Historicamente, podemos dizer que a inscrição dessa nova realidade midiática e seus impactos nas formas de comunicação e, conseqüentemente, da constituição de nossas experiências cotidianas, advêm desde a invenção da escrita, numa dinâmica de ampliação, até a abrangência técnica hoje alcançada (audiovisuais, internet e dispositivos digitais). Essa realidade midiática não se limita à inovação dos “meios”, mas altera o modo de conceber a comunicação humana, com seus sujeitos e questões, que passam a ser combinados no contexto cultural de uma tecno-interação.

Para Braga (2007), tal processo da mediação é significativo tanto em termos de proporção e incidência ampliada em todos os relacionamentos humanos e sociais, como também – e fundamentalmente – por sua “*penetrabilidade* processual que faz do midiático um processo interacional de referência crescente, mesmo nas comunicações interpessoais” (Braga, 2007, p. 142). Isto significa que a mediação da cultura contemporânea implicaria em novas formas de organização, visibilidade e presença no mundo das organizações sociais educadoras. Inauguraria, para tais instituições, uma nova ambiência, um novo padrão de condutas e comportamentos diferenciados, com alterações perceptivas e organizadoras da realidade social e novas formas de interação. Em suma, a mediação impacta no modo como as pessoas interagem entre si, se educam e percebem o mundo.

Braga (2006) observa que, neste contexto, as novas tecnologias ganham uma participação mais efetiva na construção social da realidade, alcançando espaços de intervenção, não apenas nas *individualidades*, mas na vida das *instituições* sociais. Para autoras como Barichello & Scheid (2007), o campo midiático é um lugar especial de negociação destas instâncias socializadoras:

nele observamos, de forma contínua, uma mudança do processo de legitimação das instituições para o ambiente midiático, com novos modos de negociação entre as instituições e seus públicos (Barichello & Scheid, 2007, p.7).

Por outro lado, Castells (2008) acrescenta uma importante observação: as tecnologias constituem fatores influentes e participadores, mas não atuam como causa da mudança multidimensional da sociedade. As técnicas não têm o poder de determinar o curso da história humana, já que o mesmo curso é considerado múltiplo e co-participado por muitos sujeitos. Tendo presente esta observação, discorremos a seguir sobre como se estrutura a relação entre instituições e indivíduos nesta sociedade midiaticizada.

2. Institucionais Sociais e Indivíduos

Mesmo no contexto da cultura midiaticizada contemporânea, é preciso levar em conta que as antigas instituições que aí se mobilizam e/ou buscam atualização ou mesmo sobrevivência, não navegam de forma vazia, sem rotas. Conforme Braga (2010) é nas próprias regularidades institucionais que se encontram ou estão expressos os sentidos sociais. Porém, estas regularidades não se legitimam apenas porque são ditas, mas sim porque são “*praticadas*” (Braga, 2010). No entanto, estas práticas não são mudas – no dizer de Braga – pois, na verdade, as coisas ditas sobre elas também configuram experiências. Assim, “as falas que tratam de expressar o instituído participam do processo de instauração, manutenção e/ou modificação igualmente em *modos práticos*” (Braga, 2010, p. 43).

Sobre tais questões, Certeau (2006) nos faz ver que a relação de uma instituição e de seus indivíduos se processa dentro de uma realidade histórica específica, por meio das ideias que nela circulam e em meio a arranjos ou a combinações de sistemas sócio-econômicos e sistemas de simbolização. Certeau (2006) considera ainda que as institucionais estão sempre a se defrontar com as linguagens e os corpos dos indivíduos e suas realidades. Se, por um lado, os indivíduos não podem simplesmente não desejar que as instituições existam. Por outro lado, a instituição não pode se fazer cega, fechada à realidade ou emudecida diante das questões e/ou desafios trazidos pelos próprios indivíduos.

Ainda para Certeau (2006), toda particularidade histórica atribui e/ou desempenha uma interrogação sobre o fundo de uma formalização explícita. E mais: todos os deslocamentos sócio-culturais se operam dentro

de quadros de referências singulares, tais como uma determina ética política, uma determinada situação econômica, novos tipos de mobilidades, coexistência de novos e velhos sistemas de hierarquias, de formas e resistências. Nesses processos de mudanças sempre houve referências englobantes e discursos dogmáticos institucionais, diz Certeau. Porém – prossegue o autor – o que antes era totalizante, mas situa-se agora num contexto de mudanças paradigmáticas, não é mais senão uma parte nesta paisagem em desordem, solicitando um outro princípio de coerência. Daí que certas instituições, incapazes de fornecer novas respostas às questões diferentes que lhe são solicitadas, perdem força de operação frente às novas gerações com as quais devem pôr-se em diálogo.

Para Dubet (2002), a escola contemporânea, de modo específico, estaria passando por uma crise nas suas definições institucionais; crise que a atravessa e a conforma numa ambiguidade cada vez mais intensa. Muitos questionamentos começam a desmobilizar a tradicional segurança da instituição escolar. Também Setton (2002) destaca que a escola, ao se colocar “como instituição educadora, com seus currículos, seus docentes, seus modos de educar, não pode se eximir de compreender e se colocar no espaço das novas práticas educativas contemporâneas” (Setton, 2002, p. 87). Já para Abrantes (2003), o próprio ambiente escolar deve ser compreendido como um espaço social, espaço de relações produzidas por uma rede de interações cotidianas entre seus sujeitos.

Neste contexto de questionamentos e redefinições institucionais, também a família está longe de apresentar-se como “um agente passivo” (Setton, 2002). Ao contrário, a família é uma instituição que se dinamiza conforme as mudanças sociais, manifestando “uma profunda capacidade de interagir com as circunstâncias e conjunturas sociais, contribuindo fartamente para definir novos conteúdos e sentidos culturais” (Sarraceno, 1998 *apud* Setton, 2002, p. 111). Setton acrescenta ainda que é preciso um olhar específico para a “heterogeneidade de configurações familiares, a diversidade de recursos e posicionamentos sociais, bem como a diversidade de comportamentos e relações que podem estabelecer com as outras instâncias socializadoras” (Setton, 2002, p. 112).

Considerado, pois, o que foi dito acima, damos mais um passo no presente trabalho: buscaremos evidenciar como se inscrevem as relações juvenis com as instituições família e escola no que toca às suas relações em redes sociais – mais especificamente, aqui, o *site* de rede social facebook. Os dados de nosso estudo nos fazem concordar

com a observação de Setton (2002), que considera pouco promissoras as análises contemporâneas que abordam as instâncias educativas (como a família, a escola e a mídia) como instituições que apenas se pressionam e se divergem, sem se tocarem ou se afetarem. Atenta aos sinais de interação, a autora propõe dar inteligibilidade a um jogo de coexistências entre estas instituições (Setton, 2002, p.110).

3. Conexões.com juvenis

Nas histórias de Lúcia e Maria notamos, com maior ou menor força, laços de parentesco e escolares em suas redes sociais. A família de Lúcia vê-se privilegiada pelo consumo midiático (aparelhos móveis e acesso à banda larga); pais formados na área de comunicação social; parentes usuários e habituados com redes de relacionamentos virtuais. Tal situação contribuiu para a família criar fortes contatos de parentesco na internet, ressitando seu papel educativo na *Sociedade em rede*. A rede do Facebook de Lúcia é povoada por troca de mensagens, de conselhos, de afetividade, de instruções entre parentes. Trocas estas notadamente vividas por meio de relações mais horizontalizadas entre adultos e jovens. Já a história familiar da jovem Maria é marcada por uma presença bem frágil no mundo *online*. São poucos os parentes conectados e/ou habituados às presenças virtuais. A relação da família na internet, quando acontece, é conduzida por Maria e seus primos(as) mais jovens, mas sem laços fortes de interação.

Em relação à instituição escolar, observa-se um posicionamento mais distanciado da escola frente às redes sociais das duas jovens. Na verdade, quem leva a escola para a internet são as alunas. Lúcia e Maria trazem as experiências escolares para a rede: participam do grupo escolar no face e, por vezes, criam algumas estratégias de utilidade da rede para a realização de atividades escolares. Vemos que o modo de a escola estar em rede é mais informal: a escola em si não cria o movimento de ocupar este espaço; ela é conduzida (pelos estudantes jovens) para tal ambiência. Esta situação menos dialógica entre escola e mídia potencializa muito pouco o papel educacional da escola virtualmente, além de aumentar os abismos entre *ser jovem* e *ser aluno*.

Com foco mais específico, analisamos agora as histórias de Lúcia e Maria. A primeira jovem, Lúcia, é branca, de 17 anos, filha mais velha de uma família de classe média. Hoje os pais são separados; ela vive com a mãe, o irmão e o padrasto. A condição social da família lhe proporciona algumas vantagens, como: fazer viagens internacionais, estudar em escola particular, cursar línguas estrangeiras

e ter acesso facilitado ao consumo midiático (*ipod*, *notebook*, televisão a cabo, acesso à internet banda larga). A outra jovem, Maria, é negra, também de 17 anos, filha única de uma família pobre. Mora apenas com a mãe e se mostra constrangida quando se refere a seu pai, não dando-nos detalhes desta relação. Maria trabalha como assistente administrativa em uma instituição educacional. Seu cotidiano é ritmado entre academia de ginástica, estudo e trabalho. Vejamos cada caso, a seguir.

3.1. Conexões de Lúcia

O cotidiano da jovem Lúcia começa pela conexão midiática: “meu ipod é meu companheiro de todas as horas; mal abro os olhos e já estou ali com ele nas mãos”. Tal aparelho é considerado versátil, prático e pessoal. Lúcia o usa, sobretudo, para relacionamentos com amigos e familiares, e para suas conexões em redes sociais. Já seu notebook é utilizado para pesquisas temáticas. Habitada às conexões pela internet, grande parte de seu entretenimento constitui-se em filmes e documentários disponíveis no youtube, além dos canais temáticos da TV a cabo, como *History Channel* e *International Geographic*. Entre os *sites* mais acessados, estão os de música, bem como aqueles temáticos com fins de auxiliar nos trabalhos escolares. No que toca a seus hábitos de lazer, ela pontua especialmente: jogos pela internet; convites de festas postadas no facebook; idas a cinema e shoppings com amigos.

À frente das preferências midiáticas de Lúcia estão o twitter e o facebook. O twitter atravessa o conjunto de relações desta jovem, aproximando em tempo real os contatos virtuais. Neste caso, há troca de opiniões e postagem de tudo o que for interessante e divertido, explorando a curiosidade pessoal e alheia, ou provocando “zoeira” – como ela diz, ao caracterizar em gíria regional os contatos mais triviais e amigáveis. Admite que os conteúdos postados e trocados por twitter privilegiam mais as relações, que as informações: os conteúdos não são úteis, culturais ou formativos; mas servem para aproximar, dar visibilidade, expressar opiniões e fazer-se notar quanto a algum gosto compartilhado. No que tange ao facebook diz Lúcia: “O meu face fica aberto o dia inteiro; aí eu fico olhando as atualizações, fico falando com os meus colegas, alguma demanda do pessoal da turma, alguma coisa sobre trabalhos, sobre para-casa”.

Se, por um lado, Lúcia cita a “dependência” dessas redes, por outro, cita o “bom uso” que alguns jovens fazem do facebook: acessar e partilhar conteúdos; fazer alertas e avisos; postar e receber complementos de conteúdos escolares e dirimir dúvidas sobre matérias escolares;

partilhar expectativas e administrar a ansiedade. Por fim, Lúcia direciona ainda suas conexões *online* para alguns tópicos de seu projeto de futuro. Diz que pretende cursar Relações Internacionais e direciona alguns acessos midiáticos para esta área. Em razão disto, estuda inglês e italiano semanalmente, conecta alguns sites de línguas, de política, de conhecimentos gerais em páginas no face, além das aulas de Ensino Médio. Coerente com essas tendências, aprecia as Ciências Humanas mais que as Exatas.

1.1.2. Família.com

Uma situação bem específica da família de Lúcia é a ocupação do espaço *online*. A mãe é usuária habitual do facebook. Aliás, toda a família compartilha coisas no facebook, inclusive sua avó, que já se habituou em usar a Internet: “A minha família é toda conectada; todo mundo; o tempo todo eles estão conectados; [...] a minha família usa a internet pra ficar mais ligada ainda”. Segundo Lúcia, o fato da família se envolver muito nas redes sociais tem aproximado mais os parentes e envolvido a família em suas relações de amizade. Ela diz: “meu face é quase todo [sobre] coisas da minha família; todos os meus amigos já têm a maior coisa com a minha família, porque tá todo mundo lá no facebook”. No caso de Lúcia, percebemos uma relação mais horizontal entre os parentes adultos e os jovens da família, com posturas mais dialógicas entre uns e outros. A mãe troca muitas mensagens com Lúcia e seu irmão mais novo; posta foto dos filhos, resultados escolares e programas de lazer; interage com os amigos de Lúcia. É perceptível uma pedagogia familiar no que se refere à educação para os valores (respeito, responsabilidade, bom caráter, escolhas seguras em rede) a partir de compartilhamento de páginas, palestras, frases – como esta postagem, feita pela mãe:

Imagem n.º 1: De mamãe pra você!



Fonte: <https://www.facebook.com>

Há ainda uma forte interação virtual de amizade, de admiração, de companheirismo entre Lúcia e sua tia Joana. Elas trocam muitos elogios e projetos; combinam passeios, relembram acontecimentos em família e partilham sentimentos.

Imagem n.º 2: Tia Joana



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php>

Portanto, no caso da família de Lúcia, o Facebook é um espaço concreto de interações e de pedagogia familiar. Aliás, talvez pelo fato de serem midiáticos, os pais zelam pela filha no uso dos meios: controlam a usabilidade da internet quando percebem, em sua filha, alguma tendência ao exagero. A mãe assume mais intensamente o papel de controle, já que Lúcia não mora com o pai. O controle mais severo recai sobre o irmão, mais jovem, que só pode jogar *online* nos finais de semana. No caso de Lúcia, o *ipod* é confiscado se ela alcança baixos resultados nas avaliações escolares.

1.1.3. Ponto.com escola

Desde seu ingresso na *Escola Jorsina Gabriela*, a jovem Lúcia vem participando de atividades pastorais, culturais, políticas como: o Parlamento Jovem, a Feira de Cultura e o GAS (Grupo de Ação Solidária) – o que, na sua vida escolar, tem aproximado conteúdos e valores, como ela mesma expressa. Contudo, Lúcia aponta para a falta de integração entre a dimensão pastoral e a dimensão pedagógica da instituição (que é escola confessional católica). Notamos que experiência escolar desta jovem é bastante tensa, com vários pontos de ruptura entre ela mesma (sujeito) e a cultura escolar (instituição), tais como: modos de pensar a sala de aula, o sistema e os critérios de avaliação, a composição do currículo e um claro embate entre ser *jovem* e ser *aluna*.

As primeiras aproximações à questão “sala de aula” são na ótica de um interesse preciso: o desejo de cursar Relações Internacionais. A partir daí, Lúcia admite motivações e desmotivações para estudar. Informa que, em vista de

querer cursar Relações Internacionais, segue aulas de inglês e italiano semanalmente, e prefere as matérias escolares das áreas humanas.

De seu lado, a jovem diz que o *ser aluno*, onde estuda, significa: ser exigido nas avaliações; participar de uma relação desproporcional entre discentes e docentes; ser inibida nas posturas críticas e propositivas; ser avaliada a partir de notas, sem considerar o desenvolvimento integral do jovem: “Aqui na escola eles só julgam se o aluno não conversa em sala e se ele não perde média. Eu acho que eles deveriam levar em conta tudo, sabe: a conduta do aluno, o que ele participa, o que ele não participa”. O fato de concentrar-se, já nas primeiras falas, nos critérios comportamentais e avaliativos *da sala de aula* pode ser um indicador da naturalização a que chegou a condição de aluno, na perspectiva da escola.

Lúcia também aponta para a cisão entre ser jovem e ser aluno aos olhos da escola, no campo das mídias: enquanto os estudantes vivenciam a dupla afetação de ser *jovem* e *aluno* e o manifestam claramente nas trocas entre colegas no facebook, a escola não se insere neste espaço, não capta tal comunicação, desconsiderando os modos de ser *jovem conectado* vividos pelos alunos. Temos aqui vários enfrentamentos entre conexões midiáticas juvenis e vida escolar. Por exemplo, o enfrentamento que se dá no campo da literatura escolar: em termos de leitura, Lúcia descreve suas preferências, como revistas de variedades, destacando ainda artigos sobre política e livros de ficção. Mas, indagada sobre as leituras exigidas pela escola, diz ler menos porque tais obras têm resumos, análises e documentários disponíveis na Internet. Segundo ela, ocorrem duas coisas: do ponto de vista do aluno, a falta de interesse por determinada leitura leva a acessar conteúdos breves e diretos, só para cumprimento de tarefa escolar, sem grande preocupação com a qualidade; do ponto de vista da escola, a aluna opina que as avaliações se atêm ao básico, aos resumos e fichamentos, de modo a não fomentar nos alunos o gosto pela pesquisa e reflexão sobre as leituras.

A jovem ainda diz que é possível acessar a Internet como fonte de informação, para pesquisas escolares. Assim, pondera: “A gente até poderia aprofundar mais na Internet as coisas da escola”. Contudo, acrescenta: “os professores reclamam de a gente copiar trabalho da Internet; mas muitos professores nem perdem tempo de ler [nossos trabalhos]. Em vez de se chamar *trabalho*, devia se chamar *faz de conta*”. Então os alunos simplesmente copiam, focados mais nos resumos do que na pesquisa e na qualidade das informações. Diante disso, a escola precisa capacitar-se para “aproveitar melhor a

potencialidade das tecnologias” – diz ela, citando como exemplo a utilização da Internet para disponibilizar notas, calendários, convites, avisos, registro acadêmico, contato com os pais, material didático, diálogo com professores e alunos.

Se, por um lado, a escola não potencializa a Internet para o ensino/aprendizagem, a aluna cita os recursos mais acessados pelos alunos (fora da sala de aula): vídeo-aulas disponíveis no Youtube; vídeos de conteúdo postados pelos colegas na sala deles no facebook; informações sobre livros a serem lidos, veiculadas *online*. Considera imagens e exemplos práticos um recurso proveitoso para o aprendizado; cita, por exemplo, os vídeos sobre reprodução, função dos órgãos e saúde, disponíveis no Youtube. Ainda no campo das Ciências naturais e da História, a aluna cita os filmes históricos e os documentários veiculados pelos canais de TV a cabo. Acrescenta que as redes sociais ajudam a resolver dúvidas com rapidez; facilitam trocas de conteúdo. Ela caracterizou o uso do Grupo fechado da turma no facebook como “lugar do aluno”, por um motivo básico: os alunos usam este grupo como espaço de críticas e opiniões sobre os docentes, as disciplinas e a escola em geral. É, portanto, um meio de conexão entre os jovens alunos, garantindo-lhes *liberdade de expressão* e *visibilidade* entre seus pares. Assim, os alunos vivem interconectados, manifestando sentimentos, apreensões, interesses e opiniões, sem que a escola participe formal ou informalmente desta rede de contatos. Lúcia também pondera que, independente do uso das mídias pelos alunos, os professores parecem usufruir pouco dos recursos disponíveis, no que tange ao seu desempenho docente (com exceção das professoras de Química e de Português). Mas, no geral, considera sua escola “extremamente arcaica nesse sentido: tem as tecnologias aqui, mas eles não usam”.

3.2. Conexões de Maria

O dia da jovem Maria começa com frequência à academia de ginástica pela manhã, depois se encaminha ao trabalho e à noite vai para escola. Para televisão ou computador, reserva momentos à noite, nos dias úteis; e cerca de duas horas nos fins de semana. Usa celular e notebook especialmente para relacionamentos. O facebook serve para trocas, expressão de opinião. Diz postar frases românticas e mensagens extraídas de letras de música. Ela participa ainda do grupo fechado da turma no facebook, para trocar informações sobre aulas, trabalhos escolares e comentários do cotidiano escolar. Destaca o gosto pela fotografia e usa muito o computador para ver, editar e postar fotos. A televisão (aberta) vem depois, para assistir

a filmes de ação, terror e comédia, novelas e programas sobre “os famosos” – diz a jovem.

A mídia interfere em suas práticas de lazer: aprecia novelas e filmes veiculados pela televisão aberta, clipes musicais no Youtube e relacionamentos por facebook. Também frequenta peças teatrais, eventualmente, e costuma passear com sua mãe. Partilha com os amigos os momentos de festa, as visitas em casa e valoriza a conversa – vista por ela como efetivação de “vínculo e intimidade”. Maria considera o uso das novas mídias uma característica marcante da juventude contemporânea: “A vida do jovem, nesse momento, meio que tudo gira em torno de Internet, de rede social, de eletrônicos”. Critica quem usa desses recursos para agredir, prejudicar ou desrespeitar a outros. Opina que o uso das tecnologias difere de jovem para jovem: alguns podem adquirir tablets, iphone, ipod, TV a cabo; outros, não. É o seu caso, que há muito economiza dinheiro para comprar futuramente um *iphone*.

3.2.1. Família.com?

A mãe de Maria não usa computador e nem participa de redes sociais e, como tal, não segue a vida *online* da filha. Porém, tenta controlar moderadamente o uso do celular ou do computador, sempre lembrando a Maria que ela deve acordar cedo. Nas postagens da jovem no facebook (ano 2013) encontramos apenas dois comentários sobre a mãe e uns poucos relacionamentos com primos(as). A mãe não tem aparelho móvel com acesso à internet e não está inscrita em redes sociais; a família como um todo não é muito habituada à cultura da internet. Algumas vezes aparecem fotos de passeios, encontros ou festas na página de Maria, postadas por primos(as) ou por ela mesma; mas há uma ausência marcante de adultos em suas redes. Devido a esta ausência, a pedagogia familiar em rede não se faz visível.

3.2.2. Ponto.com escola

Ainda que não seja permitido pela Escola, a turma escolar de Maria vive conectada ao facebook na sala de aula. Os alunos leem, respondem, postam fotos. Maria e seus colegas enviam mensagem “de escondido” dos professores. Ela admite que isto atrapalha o ensino/aprendizagem quando o aluno “se distrai” com o celular. Contudo, diz que o problema não são as redes sociais, mas a falta de interesse dos alunos pela aula. Pessoalmente, ela não considerada “nenhuma aula ruim”, mas observa que há professores claramente desinteressados em ensinar: comunicam o mínimo, explicam pouco e se indispõem facilmente com os alunos. Apesar de haver

conversas ou bagunça na sala, ela diz que – aos olhos de alguns professores – os alunos são invisíveis: “Tem professor que não tá nem aí; não tem senso de a gente estar lá”. Por outro lado, reconhece que há professores com outra relação pedagógica com os alunos: querem ensinar, dão atenção aos sujeitos. Mesmo com tais exceções, o que Maria mais expressa é o sentimento de invisibilidade e abandono, como se a escola oportunizasse o conhecimento de modo unilateral, apenas como oferta, sem relação, deixando ao aluno todo o restante do processo de ensino/aprendizagem. Este sentimento se agrava, no caso dela que é jovem trabalhadora, com menos tempo disponível para os estudos.

A jovem Maria diz usar a internet para pesquisas escolares e cita alguns sites: *Escola Web*, *Yahoo Respostas* e *Brasil Escola*. Sua prática parte de consulta, leitura rápida dos conteúdos, seleção, cópia e colagem do texto. Pode acontecer, também, que os colegas de classe conectados em sala do facebook partilhem dicas, sites e textos úteis aos trabalhos escolares. Ela diz ler jornais impressos e revistas, especialmente as que tratam do corpo, saúde e qualidade alimentar, por interessarem à sua prática de ginástica. Quanto à literatura na escola, Maria diz não ter lido nenhuma obra literária indicada pela escola no ano de 2012. A leitura é substituída por resumos e sinopses disponíveis *online*. Por outro lado, não há dados seguros do quanto as novas mídias interferiram no hábito da leitura: ao que parece, há jovens que leem pouco faz tempo, mesmo antes do advento das novas tecnologias; há também casos em que as mídias favoreçam a leitura, porém de outros textos, distintos das obras requeridas pela escola.

A *Escola Manuel Soares* que a jovem frequenta dispõe de data-show e laboratório de informática; mas os professores se atêm ao quadro e giz. Assim, as mídias incidem muito pouco na prática dos docentes. Questionada sobre isto, Maria acrescentou que a cópia habitual de conteúdos *online*, por parte dos alunos, afetou negativamente o potencial das novas mídias para a educação. A jovem opina que a escola poderia aproveitar os recursos midiáticos para as aulas, como textos postados no facebook, filmes e músicas. Um exemplo neste sentido, que ela considera positivo, é a professora das aulas de Artes que usa com mais frequência o data-show, filmagens e outros recursos imagéticos (adequados à disciplina de Artes).

A jovem Maria diz que, apesar das limitações apontadas, “a escola tem um papel importante” na vida dos jovens. Confirmou o papel da escola para a sociabilidade: amizades, estar com outros jovens. Afirmou a utilidade de

um diploma para concorrer a vagas de emprego. Quanto ao futuro, citou as perspectivas de autonomia financeira, com o sonho de cursar Medicina.

Apontamentos finais

De seus lugares experienciais, Lúcia e Maria destacam que o fenômeno midiático não é apenas tecnológico, mas comunicacional: “É marca da juventude hoje; todo mundo se relaciona pelas mídias, conversa pelas mídias, estuda pelas mídias” (Lúcia). Tanto para Lúcia quanto para Maria, o gosto midiático recai no tipo de relação propiciado pela mídia, com destaque para a *liberdade de expressão* (postar opinião), a *visibilidade* (ser percebida como sujeito e perceber a outros), a *segurança* (poder sondar quem são os contatos), a *seletividade* (selecionar os contatos em rede) e a *interação* (encontro, trocas e sociabilidade). As duas jovens admitem ainda que, no que se refere ao conhecimento, há conteúdos pouco seguros na Internet; mas apenas parcialmente, já que há também sites institucionais e de pesquisa de boa qualidade. O que mais destacam, porém, é a conectividade com outros jovens, a interação e a liberdade no modo de ser aluno.

No que se refere às suas relações *online* com a família e a escola, notamos alguns elementos importantes. A família de Lúcia ocupa de forma bem intensa sua rede social Facebook, conquistando neste espaço *online* uma ampliação de seu papel educativo. Já a família de Maria, devido às circunstâncias de acesso, de prática e de experiências mais intensas na internet, não consegue potencializar uma pedagogia familiar *online*.

Quanto à escola, as experiências de Lúcia e Maria se mostram convergentes: suas falas denotam mais a proibição do uso midiático e o juízo negativo sobre as mídias. Com efeito, esta postura aprofunda a cisão entre *ser jovem* e *ser aluno*, do ponto de vista da escola: enquanto os sujeitos vivem a imbricação do ser jovem e ser aluno, tão perceptível nas suas manifestações midiáticas, a escola não insere nem considera suficientemente essas manifestações em sua prática pedagógica.

Referências Bibliográficas

Barichello, E. M. R. & Daiane, S. [2007] “Apontamentos sobre a construção da visibilidade das instituições na internet a partir de um cenário da midiaticização da sociedade”, in. *E-Compós*. Porto Alegre, Sulina, pp.1-15. <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/207/208> [acedido em 17 de agosto de 2013].

Braga, J. L. [2010]. “Comunicação é aquilo que transforma Linguagens”. *ALCEU*, 20 [10] , pp. 41- 54.

Braga, J. L. (2007). “Mediatização como processo interacional de referência”, in Médola, Ana Sílvia, D. C. ande Araújo, F. B. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Livro da XV Compós. Porto Alegre, Sulina.

Certeau, M. De. [2006]. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Forense.

Dubet, F.[2006]. *El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos em la modernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Melucci, A [2004]. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo/RS: Edt. Unisinos.

Setton, M. G. [2002]. “Família, escola e mídia: um campo com novas configurações”. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 28 [1] pp. 107-116.

Silverstone, Roger [2002]. *Por que estudar a mídia?*São Paulo: Loyola.